

*UM CONTO DA AUTORA BEST-SELLER AMAZON
ANNA ANDRADE*

*ANJO
AO
MAR*

A full moon is positioned in the upper center of the frame, partially obscured by the bright, glowing band of the Milky Way galaxy. The sky is a deep, dark blue, densely populated with stars. Below the horizon, the ocean is a dark, textured blue. A small white sailboat with a dark mast is visible in the lower middle ground, moving across the water. The overall mood is serene and cosmic.



Obra registrada

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida de qualquer forma, seja por meio eletrônico ou mecânico, ou arquivada em qualquer tipo de arquivo sem a autorização expressa por escrito da autora.



Era tarde demais para Andrezza Santana

dizer “não vá”.


Seu pai deixou Maria Júlia sob o comando dela. Poderia parecer irresponsabilidade dele, mas Andrezza fora criada no mar. Desde pequena, sabia fazer de tudo dentro da embarcação que seu pai demorou dois anos para comprar de um antigo chefe. A profissão de banqueiro tinha dado um excelente sustento para a família até a morte da mãe de Andrezza, que os colocou em uma situação de tristeza profunda.

A melhor decisão que o Senhor Santana poderia ter tomado era largar tudo e deixar seus investimentos renderem enquanto passava o máximo de tempo possível com a filha. Afinal, nunca se sabe o que pode acontecer. Foi assim que Andrezza viveu nos últimos treze anos, entre a terra e o mar, conciliando a escola e as atividades, navegando na embarcação Maria Júlia.

A verdade era que a garota adorava o mar tanto quanto o pai. A vista do azul-celeste pela manhã, a brisa fria que tocava sua pele e que fazia seus cabelos castanhos escuros dançarem. A beleza das praias brasileiras não eram cartões postais para ela, via pessoalmente algo novo em todo alvorecer.

Com a situação alarmante sobre a COVID-19, Andrezza não questionou quando o Senhor Santana foi à cidade para comprar suprimentos. Sozinha, o barco tamanho médio de dois andares era o mundo e também a melhor forma de se aventurar. Estava a trinta milhas do litoral alagoano quando o céu começou a nublar. Nuvens intensas tomavam espaço no céu e faziam com que a maré correspondesse ao chamado da chuva. Era o início da tarde, mas parecia ter escurecido mais cedo.

Andrezza gostava de passar o tempo sozinha; colocar a música alta era a salvação para o tédio e o melhor entretenimento dos sete mares. Deixou o som ligado, que começou a tocar a nova música de Anavitória, “Me Conta da Tua Janela”, na rádio.



*Passa aqui depois das seis?
Sei lá, tô com saudade de te encontrar
É que aqui em Sampa tá quieto demais
E as minhas paredes parecem fronteiras*


Sua cabeça balançava ritmada com a música pop sobre o travesseiro no momento em que a primeira onda fez o barco oscilar. Saiu da cama de sua cabine em um pulo, atordoada pelo que estava acontecendo. Foi apenas quando chegou ao convés que pôde ver a atual situação e entrar em desespero logo em seguida.


Andrezza assistira a inúmeros filmes com finais trágicos, como *Poseidon* e *Titanic*, deveria estar preparada para o pior, tal como uma tempestade. Correu para pegar o telefone e avisar seu pai, mas ele deslizou da escrivaninha onde estava e desapareceu do chão. O segundo balanço tirou vários objetos do lugar, causando ruídos estrondosos vindos de dentro do barco.

As velas estavam abaixadas e a âncora posta, fora isso, restava à Andrezza esperar a tempestade se acalmar. Deveria navegar para o mais longe possível da tempestade, mas seria arriscado demais diante da situação. Sem contar que não estava em alto-mar, era provável que não houvesse uma severa tormenta. Entre algumas ave-marias e pai-nossos, procurou uma corda para se amarrar ao mastro maior.

Suas roupas estavam ensopadas pela água tanto vinda do céu quanto do mar. Fechou os olhos para evitar ver o caos que girava ao seu redor até que um som chamou sua atenção. Era um grito seguido de um mergulho na água.

Andou até a borda do barco ainda levando a corda consigo. Mesmo com a escuridão, conseguiu ver uma pessoa ao mar com quase todo o corpo submerso; Andrezza não conseguia distinguir se era um homem ou uma mulher, mas a viu balançar a mão não tão distante de onde estava. Para sinalizar sua presença ali, correu para ativar o apito do navio. Em seguida, pegou uma boia que estava presa à parede perto da popa.





Infelizmente, jogar a boia não seria inteligente, nem ela tinha força nem a maré estava a seu favor. A pessoa estava tão agitada que Andrezza não podia demorar mais nenhum segundo. Verificou se a corda era longa, assim, caso algo desse errado, conseguiria voltar, depois se jogou ao mar com a boia. Anos de nataçãõ serviram para tornar suas braçadas precisas e ágeis. Em minutos, havia alcançado a pessoa que ainda se debatia.

— Pegue a boia! — gritou ela, oferecendo um espaço ao seu lado.


— O quê? — Foi tudo o que Andrezza escutou.


A garota não esperou que os dois morressem ali, pegou o braço dele e o levou até a boia. Viu que o homem angustiado não relutou, para sua sorte. Bateram as pernas de volta em direção ao barco. Ignorou o peso que ele parecia levar nas costas, o mar estava agitado demais para que conseguisse ver com detalhes. Assim que finalmente conseguiram chegar à escada lateral da embarcação, Andrezza sentiu que suas pernas doíam. O homem a seguia, mesmo com certa dificuldade para se manter em pé.

A garota correu em direção à sala de controle que ficava no segundo andar. As escadas estavam escorregadias, e ela descalça. Foi o suficiente para que caísse, batendo seu braço direito no corrimão e depois no chão. A dor se expandiu do ombro e percorreu cada célula do seu corpo; levantou-se na hora, tentando ignorá-la. Precisava avisar ao socorro marítimo que estava em meio à tempestade. Quando conseguiu subir, começou a mexer nos botões para sintonizar com possíveis frequências de barcos maiores que poderiam ajudá-la. Como era destra, tudo se tornou mais difícil com o braço latejando. A cada minuto que passava, era compelida a não mexê-lo. Sem nenhum progresso, tentou achar seu telefone, talvez existisse algum sinal nele.

Antes que Andrezza pudesse descer para os cômodos, escutou um som forte vindo do convés.

O naufrago.





Com cautela, foi ao encontro dele. Assim, descobriu o que tinha acontecido: o homem misterioso desmaiara e estava com as asas abertas no chão.



Davi acordou com um gosto salgado na boca e um desejo enorme de água potável. Mal tinha aberto os olhos quando sentiu alguém cutucar suas costelas. A imagem meio embaçada não o impediu de identificar a garota que o encarava com uma colher de madeira na mão. Percebeu o quanto ela parecia confusa, perplexa com as asas brancas que se mexiam no ritmo da respiração dele.

— Quem é você? — perguntou ele, usando o dedo para afastar a colher.

A garota fez uma careta.

— Moço, quem deveria fazer essa pergunta era eu. Foi você quem apareceu do nada no mar, e ainda tem essas asas. Que são reais. E estou dizendo que são reais porque já toquei. Já vou avisando que não estou morta, na verdade estou preparada para lutar, caso seja necessário.

— Não está com medo?


— Já fiquei em pane nas últimas horas. Agora estou melhor e sei que elas são tão reais quanto eu mesma. Como você não tem cara de Lúcifer, decidi dar um voto de confiança.

— Como sabe que eu não tenho cara de Lúcifer? Já o viu?

Ela deu um sorriso.

— Quase isso, quatro temporadas da série de TV dão uma boa margem de erro e estimulam a imaginação. Com esses olhos azuis e cabelos loiros, parece mais uma versão em *live action*¹ do

¹ Live Action: (no cinema) ação envolvendo pessoas ou animais reais, em contraste com animação ou efeitos gerados por computador.



Anjinho².

— De qualquer forma, sou Davi. Ainda bem que pularemos a gritaria, estou com uma dor de cabeça horrível.

— Olha, eu sei pouco sobre anjos. Mas é bem certo de que eles têm nomes terminados em “el”.

— Depois de milênios, as alternativas ficam bem limitadas.

— Davi é nome brasileiro.

— Eu sou brasileiro.

— Como assim?

— Se Deus é brasileiro, todos somos.

A garota piscou.

— O que você está fazendo aqui?

— Eu cáí, mas acho que você já deve ter deduzido essa parte.

— Pera, não é possível. Anjos não caem por aí como se fossem frutas maduras.

— É verdade, senhorita...

— Apenas Andrezza.

— Andrezza, tive problemas durante o voo que me fizeram improvisar na descida. Não gosto de admitir, ainda estou pegando jeito nessa área. Há alguns dias me recuperei de um acidente que me fez achar que eu nunca mais voltaria a voar. Essa tempestade foi o desafio que eu precisava para provar que ainda tenho um longo caminho pela frente.

— Você está ferido?

Davi mexeu suas asas.

— Não.

— OK, como vou saber que você não é um demônio que foi enviado para me raptar e me entregar ao seu líder?

O anjo franziu o cenho.

² Anjinho: Personagem da Turma da Mônica.



— Eu não sei o que responder.

Andrezza estreitou os olhos, sentiu que tinha mil perguntas a fazer para Davi. Foi olhando para o céu, ao se levantar, que notou que não estava mais chovendo. O mar ainda estava agitado, mas não descontrolado como antes. As roupas brancas dele estavam molhadas e eram quase inúteis para aquecê-lo. A garota notou que Davi sentia frio pelo tremor de seu corpo.

Pegou-o pelo braço e o guiou para a parte das cabines, fazendo suas asas se chocarem contra as paredes dos corredores estreitos. O local era todo construído em madeira clara, dando um aspecto luxuoso e discreto à embarcação. Andrezza abriu o armário do qual tirou roupas limpas e bem dobradas, além de separar uma toalha e outros adereços que achou necessários.

Diferentemente dela, atenta a tudo, Davi demorou a notar que Andrezza pegava as coisas sem jeito com apenas o braço esquerdo, pois não conseguia usar o outro muito bem. O anjo adiantou o passo para pegar o que ela tinha em mão.

— É melhor você se trocar. Se anjos não se recuperam de acidentes, então não são tão indestrutíveis assim. Doenças humanas são bem fortes.


— Como assim?


— Seu português é muito bom, vou te colocar para assistir ao noticiário, ele vai explicar melhor. Mas troque de roupa antes, não quero que você fique molhando o chão da área interna.

Com essas palavras, a garota saiu do quarto e fechou a porta atrás de si. Davi teve quase certeza de que a viu corar antes de sair. Com um sorriso bobo, ligou o aquecedor do chuveiro enquanto se livrava das roupas molhadas.



Andrezza colocou os últimos suprimentos em cima da ilha da cozinha. Um pacote de macarrão, parmesão e atum enlatado.





Não tinha certeza se o anjo estava com fome, mas ela estava faminta. O charmoso Davi ainda estava na cabine de seu pai.

Céus, ela tinha pescado um homem tão lindo que mais se parecia um tritão!

Esticou o braço para pegar uma panela na parte superior do armário e sentiu uma fisgada no local machucado que a fez praguejar. O braço do anjo veio por trás de si e alcançou o objeto com facilidade. O calor dele a fez ruborescer. Virou-se e deu de cara com o rosto do anjo, que usava as roupas de seu pai. Foi quase impossível se desviar dos braços largos.

— Obrigada — disse ela, pegando com a outra mão a panela que estava com ele.

— Precisa de ajuda?

— Não, vou fazer algo enquanto a tempestade não passa. Está com fome? — perguntou, prendendo o longo cabelo.

— Sim.

— Você falou rápido, deve estar mesmo. Não vou demorar muito, pode se sentar que logo termino.


— Aprendi algumas coisas da última vez que vim aqui, posso te ajudar se quiser.


— Todo mundo sabe que voz de anjo é doce, mas não sabia que mãos de anjo poderiam ser sinônimo de dote culinário.



Andrezza voltou da cabine quando Davi terminava de colocar o molho sobre o macarrão. A garota o tinha deixado cozinhando enquanto procurava pelo telefone. Ficou irritada ao achá-lo completamente apagado, sem nenhum sinal de que ligaria. Esperou que fosse a carga e o conectou na tomada por precaução.

O cheiro da comida estava por todo o cômodo e ela ficou hipnotizada, teria de repensar sobre os conceitos de anjos em séries





e filmes. Bem que eles poderiam ter uma mão na cozinha para facilitar encontros românticos. O que estava pensando?

— Tudo bem?

Andrezza fez uma careta e colocou as mãos nos bolsos do *short*, assentindo.

— Só faminta.

Nem precisou arrumar a mesa, Davi já tinha feito tudo. A garota quase se sentiu desconfortável; ligou o rádio que seu pai mantinha tocando durante as refeições. Foi agradável escutar Melim quando a música começou, mais ainda quando tirou dois refrigerantes de guaraná da geladeira, seu sabor preferido.

— Nunca tomei — confessou o anjo.

— Então não é brasileiro. Pode até não gostar, mas esse aqui é nosso néctar.

Davi pegou a bebida recém-servida no copo e a tomou.

— É verdade, isso aqui é muito bom.

— Tem mais na geladeira, se quiser levar antes de ir.


— Não posso levar coisas desse plano para o outro. Terei de aproveitar agora enquanto tenho chance.


— Ou você volta quando estiver com saudades. — Andrezza voltou a comer olhando para o prato.

— Gosto bastante dessa palavra, “saudade”. Eu sempre volto, acho que Deus tem planos para mim aqui. É a terceira vez que venho, pode ser um sinal.



Depois do jantar, Andrezza se sentiu no dever de, ao menos, colocar os pratos e talheres na lava-louças. Ignorou a relutância de Davi e conseguiu convencê-lo com muita teimosia e gestos aleatórios para compensar as palavras que às vezes lhe faltavam. Era difícil manter os lábios acompanhando os pensamentos quando se





tinha um anjo a passos de si.

Desligou o rádio e pôde escutar uma melodia familiar vinda do convés. Ao segui-la, deparou-se com Davi dedilhando no violão com perfeição e cantando.

— *Olha que coisa mais linda*

Mais cheia de graça.

É ela, menina

Que vem e que passa,

Num doce balanço

A caminho do mar (...)

A música mais tocada do mundo tinha um tom doce nos lábios do anjo; “Garota de Ipanema”, de Tom Jobim e Vinicius de Moraes, nunca pareceu tão interessante para Andrezza, mesmo já a tendo escutado antes.

Mordeu o lábio com a sensualidade que vinha de Davi. Conforme se aproximava, sentia-se cada vez mais seduzida pelo anjo. O sorriso que ele deu ao vê-la a deixou instável, perguntando-se que tipo de magia era aquela.

Já era final de tarde, o ar estava frio e o céu tinha menos nuvens. As poucas luzes do barco deixavam as estrelas parecerem protagonistas do cenário.

O sorriso dele continuou após o fim da música e a fez desejar por mais.

— Você toca bem.

— Obrigado. Aprendemos a tocar alguns instrumentos, espero que não se importe de eu ter pegado seu violão.


— É da minha mãe na verdade, mas tudo bem, ela não precisa mais dele.

— Ela desistiu de tocar?

— Espero que para onde ela foi tenha mais instrumentos além da harpa.

— Desculpa, Andrezza. Eu...

— Tudo bem, não fui óbvia no início dizendo que era da



minha mãe morta. Fique tranquilo, não é como se você a tivesse matado. — Andrezza suspirou.

— Você fala diferente, não costumo conversar com humanos.

— Talvez seja o meu sarcasmo. — Colocou uma mexa do cabelo castanho atrás da orelha, sentindo-se nervosa. — Ainda penso sobre suas viagens. Foram três para este plano, não? É assim que vocês chamam? Plano?

— Sim, mas é a primeira vez que fico tanto tempo. Nunca vi o anoitecer de baixo, é tão lindo quanto de cima.

— Eu duvido.

— Se eu confiasse mais nas minhas asas, ofereceria um passeio, mas não quero pôr sua segurança em risco — comentou enquanto dedilhava algumas notas no violão.

Andrezza balançou as mãos freneticamente.

— Eu tenho medo de altura, sem chance!

— Tudo bem.

Ela notou que Davi começou a próxima música, o hábito dele o fez sentir-se à vontade com o violão, seu dedo percorria sobre os fios com naturalidade. Andrezza reconheceu a música contagiante sem dificuldade interpretada pelo Skank.

— *Vamos fugir*


Deste lugar, baby!

Vamos fugir.

Tô cansado de esperar

Que você me carregue

Acompanhá-lo foi tranquilizador; cantarolou empolgada em cada verso junto a ele. Parecia estranho pensar que, em pouco tempo, Davi conhecia canções nacionais. Como tinha experiência com a música, talvez fosse prático aprendê-las em pouco tempo. Até se perguntou se no céu poderiam escutar músicas deste plano, mas se lembrou do que o anjo lhe falara sobre não levar uma dimensão para outra.



Não notaram o tempo passar, cantando uma música após outra com bastante entusiasmo. Eles pareciam ter sido unidos pela tempestade, até o gosto musical de ambos combinava.

Quando Davi começou a cantar uma das músicas da banda Os Paralamas do Sucesso que Andrezza mais gostava, involuntariamente a garota se aproximou, fascinada. Ao terminar o último trecho, voltou-lhe o rosto com um olhar malicioso. Sentiu que ela não recuou no instante que seus lábios a procuraram com gentileza. Percebeu as mãos de Andrezza mais ágeis, seguindo por seu pescoço e trazendo-o para perto de si. Ao tirar o violão do meio deles, sentou-a em seu colo, parecia incorporada pelo forte magnetismo que vinha de si.

Andrezza arfou quando uma das mãos de Davi apertou sua cintura enquanto a outra percorria o corpo curvilíneo com curiosidade. Resmungou de leve ao sentir a dor em seu braço machucado e Davi recuou, desculpando-se com beijinhos nos nós de seus dedos. O gesto a deixou corada.

— Desculpa, esqueci do seu braço.


— Tudo bem, vai sarar logo. — Andrezza sorriu. — Por acaso anjos têm algum tipo de poder de cura?


— Não tenho certeza, mas podemos testar.

Davi a beijou e algo insaciável dentro de Andrezza lhe uivou para não hesitar.



Andrezza acordou sem delongas com o barulho estrondoso que a tirou da cama. Ainda estava sem roupas, precisou pegá-las do chão. A ausência de Davi no quarto a fez pensar que ele poderia estar com problemas. O som de vozes a deixou intrigada; foi apenas quando saiu do quarto e se deparou com seu pai em pé de um lado da mesa de jantar e Davi de cueca do outro que tudo fez sentido. A expressão de raiva no rosto do Senhor Santana era clara, não estava





nem um pouco contente com o estranho a bordo.

— Pai, o que aconteceu? — indagou ela, tentando medir a situação.

As asas de Davi estavam bem diante dela, mas seu pai sequer as olhava assustado ou impressionado.

— Como esse garoto louco entrou no barco? — rebateu o Senhor Santana, irritado.

Andrezza suspirou ao escutar “garoto” em vez de “anjo”. Será que apenas ela via as asas?

— Eu o salvei ontem da tempestade. Por que o senhor não voltou ontem?

— Era arriscado demais para eu vir com o barquinho — disse o Senhor Santana, encarando Davi mais uma vez com o cenho franzido. — E onde estão as roupas dele?

Ambos sabiam a resposta e parecia tolo para Andrezza dizê-la em voz alta.

— Não precisa fazer show, pai, já sou crescida e vacinada — completou, revirando os olhos.

Davi observava os dois discutirem sem abrir a boca. Vendo que não conseguiria ajudar Andrezza daquela forma, foi até o quarto para vestir suas roupas brancas já secas, apenas as roupas de baixo não lhe davam muita credibilidade.


— Não posso acreditar que você o deixou ficar — disse o pai de Andrezza, incrédulo. — Já sabe que, assim que eu estacionar no litoral, ele vai correr para longe e nunca mais vai aparecer aqui. Marinheiros são todos iguais, filha.

As palavras a atingiram, mesmo ciente de que não havia compromisso entre ela e Davi. Ele era um anjo! A verdade era que adoraria vê-lo outras vezes, mas jamais cobraria qualquer coisa de um ser de outro plano, por mais que tivesse sido inesquecível.

O dia em que se deixou ser maleável como as águas inconstantes da tempestade.

Desejou poder sentir-se amada nos braços de um homem





como Davi. Gostaria de passar horas conversando sobre como era a vida no céu, poder cantar várias músicas até o nascer do sol, e andar pela praia de pés descalços e mãos dadas com ele. Mas seu pai estava certo, Andrezza não o veria novamente. Separados por incontáveis nuvens, ela não veria mais aquele par de olhos azuis.

Davi interrompeu seus pensamentos quando a pegou pelo braço — não o machucado — e seguiu para a proa. Tirou-a ainda mais de seus devaneios ao beijá-la com carinho na testa.

O sol estava radiante no céu e, dali, Andrezza conseguia ver perfeitamente a faixa de terra. A praia estava lotada como em qualquer final de semana na praia de Ponta Verde. Mesmo sendo um dia tão bonito, não conseguia parar de pensar que diria adeus a Davi.

— Não fique triste — falou ao vê-la em silêncio.

— Você vai embora.

— Partirei assim que chegarmos em terra, voar agora seria estranho demais. Seu pai não consegue ver minhas asas, então pensa que sou humano. — Tocou o rosto dela gentilmente.


— Eu esperava que isso fosse acontecer, mas foi tão rápido. Você podia ficar mais tempo, daríamos um jeito.

— Meu tempo aqui acabou, posso sentir quando Ele me chama.

— Você acredita que Ele planejou algo aqui na terra. Isso significa que você pode voltar? Podemos nos ver de novo?

— Eu vou tentar, Andrezza.

As palavras do anjo foram o suficiente para deixar Andrezza aliviada. Davi voltaria. Eles se veriam mais uma vez. E a esperança renasceria daquele dia.





Anna Andrade é uma cearense apaixonada por romances com aventuras. Adora debater sobre filmes, séries e livros em seu site, [Bela Distopia](#). Escrever sua opinião não foi o suficiente para saciar seu amor pelas palavras, então, embarcou na carreira literária durante a faculdade de Direito, quando começou a postar suas histórias na plataforma Wattpad. Nessa jornada teve leitores de 14 países, incluindo Brasil, México, Peru, Estados Unidos, Canadá, Portugal, França, Alemanha, Reino Unido, Irlanda, Angola, Moçambique, Namíbia e Índia.

Redes sociais: [Instagram](#), [TikTok](#), [Amazon](#), [Wattpad](#) e [Twitter](#).

Outras obras (ebooks): [Paixão sob as Estrelas](#), [Elegidos](#), [Estava com saudade](#), [Opositores](#), [Nunca foi ela](#), [Dirigentes](#), [Em Diferentes Universos](#), [Maria Alee e o Artesão de Robôs](#).

Físicos: [Elegidos](#), [Opositores](#), [Dirigentes](#) e [Em Diferentes Universos](#).

Antologias: [À beira-mar](#), [Histórias Urbanas](#).

Site: [Bela Distopia](#)